



Comunicação Comunitária e Suas Ferramentas

"Comunidade é uma expressão política, isto é, um processo de produção coletiva da unidade na diversidade"

Cândido Gribowsky

Adair Rocha*

Introdução:

A representação social que a mídia faz da favela.

A mídia comunitária reflete hoje a potencialidade da emergência.

Complexidade, pluralidade, interdisciplinaridade e singularidade são alguns dos pressupostos para a discussão e compreensão do acontecimento Comunicação Comunitária.

Isto significa inicialmente a necessidade de se precisar algumas expressões e conceitos sujeitos a banalizações, ambigüidades ou hegemonismos estabelecidos em situações de autoritarismo e de dominação.

Assim, quais os significados correntes que se fazem de comunicação, de cultura, de comunidade, de favela, de carente, de complexo, ou qual a representação social que os meios de comunicação reforçam na formação da opinião pública.

Medo e terror, vinculados à criminalidade, dão a tônica da leitura e do comportamento da sociedade (asfalto e até a favela) na sua relação com a favela. Potência e resistência que acalentam o cotidiano e possibilitam a vida da imensa maioria dos moradores não são percebidos nem reconhecidos.

Contextualizando:

Quando se absolutiza a intervenção dos meios de comunicação, como se atribuiu, durante tanto tempo, a determinadas redes de comu-

Resumo:

A produção da identidade local, visível, concreta, passa por representações da cidade, dos seus conflitos e de suas contradições que se manifestam nos seus recortes do cotidiano. A disputa pelo controle de tais representações se dá inicialmente na busca do reducionismo de significações dos conceitos de cultura e de comunicação, o que necessariamente interfere na abordagem de comunidade.

A incorporação-compreensão dos conceitos de favela e de asfalto num mesmo contexto urbano é o desafio principal de texto. Trata-se do desenvolvimento da representação social que vincule resistência e potência da produção da favela, via de regra suplantada pela visão da criminalidade ligada à minoria de seus moradores.

Palavras-Chave: Comunidade-Cultura-Comunicação-Rede-Representação-Favela-Potência-Resistência-Violência.

*Professor Adjunto Puc-RJ/UERJ-FEBF Ex-coordenador do núcleo de Comunicação Comunitária- Projeto Comunicar. Atualmente assessor especial do Ministro da Cultura. Autor de *Cidade Cerzida- A Costura da Cidadania no Marro Santa Marta*. Relume Dumará- 2000- RJ., capítulos de livros e artigos de periódicos nacionais e de revistas especializadas¹.

E-mail: odair.rocha@minc.gov.br - adlrocha@com.puc-rio.br

nicação existentes, a sorte da política e a formação da opinião, corre-se sérios riscos. Não se trata de minimizar seu significado, no entanto, pode-se extrapolar o seu papel de meios para o de fim, em si.

O fenômeno que ocorre em torno do reducionismo de significados é, no entanto, de natureza sistêmica e modelar. Há clássicos de diferentes áreas que possibilitam melhor compreensão de como a história vem gerando no seio das suas contradições, diferenças e complexidades, a luta pela consolidação das diversas relações de poder, de sua permanência e de suas crises.

Assim, o embate em torno dos modos de produção socialista e capitalista, aparentemente superados, estabelece disputas em torno do conceito de liberdade e de autonomia na construção dos modos institucionais, cujo paradigma central gira em torno da democracia.

Daí que novos conceitos entram em cena, sempre na disputa das relações existentes: controle, disciplina, ordem, vigilância e até punição.

De que forma capitalismo e socialismo introduzem os empobrecidos como sujeitos sociais, políticos e culturais, na produção de seu sistema?

Se a globalização como fenômeno recente do controle Neo liberal (enriquece os ricos e empobrece ainda mais os pobres), por que as experiências socialistas e comunistas, as já superadas ou aquelas que ainda resistem, não conseguem sustentar o percurso da liberdade?

Para se manter uma certa apropriação privada do discurso democrático, o capitalismo, nas suas expressões de poder, precisa sustentar o discurso falido da pregação da promessa que não será cumprida, porque se sustenta na competição e no lucro cujos resultados são o acúmulo e a desigualdade.

Tal situação escancara os limites institucionais, especialmente aqueles situados nos aparelhos de governo, que passam a ser mais reconhecidos na medida em que quem os ocupa são originários do movimento dos movimentos, seja pela sua dimensão internacional de dependência, seja pela sua incapacidade de responder aos desafios e às tensões locais. Vale comentar aqui o processo que envolve a relação estado-governo-sociedade, nas diversas culturas de representações que as envolvem.

Pode-se afirmar que governos trabalham em representações sociais e políticas simbólicas que, ao menos teoricamente, definem a linha de ação que, em geral, na sustentação do pragmatismo do cotidiano da administração pública, confrontam os propósitos com o possível. Assume aqui papel fundamental o servidor público. De outro lado, o sujeito social do cotidiano é anônimo e trabalha com a apresentação direta, real e concreta.

A sabedoria do cerzimento envolve aí um novo personagem: o da cidadania. Certamente a significação de público e privado adquire aqui papel principal, quando o sintoma mais evidente das falências sistêmicas da atualidade se espalha pelo mundo, especialmente nas suas concentrações urbanas. É o grande número de favelas que, segundo os últimos dados colhidos pela ONU, atinge 1/6 da humanidade. E a perversidade continua na medida em que a acumulação da riqueza se concentra num pequeno percentual da população.

O caráter político de "comunidade" assume hoje expressão cada vez mais pública por causa de demandas estruturais e conjunturais. De um lado a globalização, explicita as contradições, sobretudo de natureza econômica e política, ganha cada vez mais importância a dimensão local e sua forma de organização que galvaniza os interesses comuns que a diversidade e a pluralidade produzem. De outro, a expressão das ditadas contradições se dá em lugares concretos, com nome, endereço, identidade, devidamente territorializados. Aqui, o conceito de comunidade vai ser forjado de acordo com a tradição política, cultural, religiosa e econômica dos concorrentes ao seu controle ou de sua relativa autonomia. Assim o(a) morador(a) está exposto(a) à abordagem de inúmeras propostas que vão do político, do religioso, do traficante, do produtor cultural, do meio de comunicação, etc, que circulam de A a Z na natureza dos seus propósitos e práticas. Pode-se citar como exemplo a fotografia de capa do Jornal "O Povo" -RJ, de 22/10/03, que um muro fotografado no bairro da Pavuna na Zona Oeste do Rio, trazia o seguinte texto: "A Comunidade rejeita a presença de estranhos que não são bem vistos pela Comunidade". Assinado pelo líder da facção ADA (amigo dos amigos) Linho. Do mesmo modo pode-se apontar exem-

plos totalmente opostos, com o que ocorreu no Brasil com o cuidado que dirigentes internacionais da Igreja Católica dedicam a neutralizar o avanço das CEBs, (Comunidades Eclesiais de Base) e da Teologia da Libertação, no entanto, seus membros já haviam descoberto sua força e o processo teve continuidade em todas as instituições de poder.

Se as favelas são as contradições mais vivas dos modelos de cidade que se espalham pelo mundo, sua circulação prende-se à lógica do consumo e da acumulação do lucro. Porém são as feridas cada vez mais sangrentas que chocam ainda aqueles que só a veem a partir da janela do asfalto, que facilita a criação perversa da cultura discricionária a qual consolida a idéia de que a favela e os demais espaços de acumulação da pobreza e da miséria são automaticamente classificados como lugares violentos e destinados a tal.

É a clássica (ou estratégica) confusão; como dizia o poeta e psicanalista Hélio Pelegrino, entre sintoma e causa, que ao contrário, está no modelo de cidade que é cerzida a partir da lógica da produção dos bens públicos, em sua diversidade e, no entanto, partida, pela não possibilidade do acesso aos mesmos bens produzidos.

A cidade contemporânea, quanto mais metropolitana a sua dimensão, tanto mais exposta está a ferida dos “sem-lugar”, esquecidos nos guetos, nos morros e nas periferias, sem renda, sem transportes, casas regulares e saneamento, que perderam também as suas “raízes culturais”, como afirmou o ministro da cultura Gilberto Gil em encontro com os secretários municipais de cultura de São Paulo, em outubro de 2003.

O tráfico e a morte certa antes dos 25 anos faz das cidades esfinges que matam antes e perguntam depois, contínua à reflexão do ministro.

No entanto, só se compreenderá a antítese da cidade caso se incorpore a visão dos guetos e a vida que brota do seu vazio em forma de criação e de resistência.

As malhas da rede, cujos poros evaporam a tradição estampada nas suas expressões culturais, religiosas e espirituais como fontes de poder, precisam ser preservadas. O tombamento como patrimônio imaterial da Folia de Reis, do Jongo, da Congada e de outros tantos rituais e símbolos do dia e da noite do povo e da multidão, ganha força.

O agravamento da situação urbana (e rural: é crescente o processo de constatação e de denúncias da existência de trabalho escravo na zona rural brasileira) e política, cujos sintomas mais graves aparecem como assassinatos de adolescentes, na maioria das vezes também contra adolescentes. Todavia, as cobranças ficam mais evidentes quando os adolescentes assassinados são de classe média ou rica. É, no entanto desolador quando se verifica o auto assassinato de grande parte dos empobrecidos ligados ao bonde do tráfico. Falta uma visão mais ampla de cidade e de sociedade que envolva toda a população e as relações públicas e simbólicas de produção da vida.

É, no entanto, animadora a percepção cada vez maior da tendência da produção jornalística e da comunicação mais voltada para a raiz dos conflitos e das suas consequências na sociedade.

Este estudo, no entanto, dirige-se a experiências situadas no Rio de Janeiro, muito embora seus pressupostos possam ser ampliados ou generalizados.

De onde vêm a fragilidade e a força do retrato em branco e preto?

Aqui é preciso retomar a relação em torno do saber e do poder para recuperar o significado do uso de certas palavras e conceitos, teoricamente mais abstratos como comunicação e cultura, que ao serem reduzidos a meios e a eventos, sucessivamente, acabam por influenciarem também de forma reducionista a opinião pública; por exemplo, sobre a favela e comunidade e termos imediatamente conexos como por exemplo: complexo (do Alemão, da Maré, etc), usado para caracterizar um conjunto de comunidades, com nome e identidade a partir de seus moradores, mas para a mídia se reduz à localização e comando de tal ou qual facção de tráfico. Ninguém fala do “complexo” Zona Sul para identificar: Ipanema, Leblon, etc, por exemplo.

Apesar da origem aparentemente negativa da existência de favela, seu nome vem de uma planta do Nordeste, mais especificamente da Bahia, trazida por soldados que lutaram em Canudos, e vieram para a capital da república em busca da moradia prometida.

A frustração os levou para o morro da Providência, perto do cais, onde se plantou literal-

mente a favela. Como se vê, a favela não é um problema, como se costuma dizer, mas desde o início é uma solução para o problema de habitação e do acesso às políticas públicas que o modelo autoritário, centralista e hierarquizado de cidade não prevê para o aumento de seus moradores, trabalhadores e criadores, como poderia ocorrer com os rescaldos da Reforma Pereira Passos que ora completa seu centenário, principalmente dos destinos dos “cabeças de porco” expulsos do centro do Rio ou oriundos do destino das migrações provocadas pela revolução industrial que chega tardiamente no Brasil.

A situação de conflito inicial, que faz da favela hoje um barril de pólvora, não pode reduzi-la, como querem os meios de comunicação, ao lugar da violência e da criminalidade. É bem verdade que existem, mas é uma demanda da cidade (sociedade) que incentiva e ordena a conflagração do tráfico, cuja média de idade dos seus membros não consegue ultrapassar a juventude. Mas mesmo esse fenômeno atinge um percentual mínimo de moradores, reduzido ao exército da embalagem e da distribuição da droga, consumida, em geral, por moradores do “asfalto”.

Contraditoriamente esta se torna a representação social hegemônica da opinião formada sobre a favela, quando o medo e o terror transformam-se em projeção identitária.

Na verdade, a favela e a periferia são lugares e tempos da potência. É assim que ocorre no mercado oficial e paralelo, que consome do trabalho serviço à criação e resistência em dimensões, aliás, reconhecidas muito mais por culturas estrangeiras. É possível afirmar agora o papel importantíssimo que a cultura pode desenvolver, enquanto identidade e potência individual e coletiva construída na história, como expressão da diversidade étnica, religiosa, laborial e solidária presentes no cotidiano da favela, que é parte constitutiva do cotidiano da cidade. Como imaginar o Rio sem a Rocinha, sem o Vidigal ou sem a Mangueira ?

Das possibilidades da cultura Hip-Hop que amalha poesias, melodias, grafiteagem, dança e produção (DJ's, vocalistas, etc), alimentados, sobretudo, na favela e na periferia, chega cada vez mais aos centros urbanos a diversidade da criação-produção: literária, audiovisual, musical, cenográfica, etc; especialmente, infância, ado-

lescência e juventude vão criando e vivendo utopias no seu cotidiano.

Não é à toa que crescem cada vez mais os espaços diversificados de criação na cidade a partir das favelas, como o “Nós do morro”¹, “CE-ASM”², o grupo ECO³, cooperativas como: “Boca de filme”⁴, “O Jongo da Serrinha”⁵; O Afro Rea-gge⁶; a CUFA⁷; “Dançando para não dançar”⁸, o tantos outros exemplos⁹, Não se pode esquecer do EDUCAFRO¹⁰ e dos inúmeros pré-vestibulares comunitários que atropelam a porta da frente do acesso à Universidade e sua posterior sistematização, como se pode citar o RUEP (Rede de Universitários dos Espaços Populares). Este novo fenômeno permite e possibilita novas leituras e análises locais e globais, antes feita sistematicamente por agentes externos, quando favela e periferia se perpetuavam apenas como objeto de estudo dos saberes sociológicos, antropológicos, da ciência política e das políticas públicas, em geral caracterizadas pela representação social das mídias como lugar e o tempo dos “sem”, do “nada”, aguçada pela presença da criminalidade. A presença cada vez maior de estudantes das diferentes áreas universitárias e profissional, que permite traçar perfis e diagnósticos que levam assinaturas e propriedade intelectual originados do desenvolvimento do potencial plural, complexo e singular que a resistência e a criação produzem, é capaz de criar o contraponto da representação social hoje mais identificado com a produção da cultura local com expressões e influências do e no global-universal.

Primeiras Conclusões:

Pode-se concluir, ainda que de forma transitória, que a exposição imagem da favela e a conseqüente produção do seu imaginário, dá-se de duas formas: de um lado a exposição da contradição, cuja geração de medo e temor está vinculada à atuação do tráfico de drogas, cujas dobras e conflitos se explicitam na conquista da cidade, porque expõe a favela na sua relação de dependência. De outro lado, a potência presente na multiplicidade, singularidade e na força da cultura, preferencialmente é mais útil que não seja explicitada para não se estabelecer novos critérios para as relações de poder que vão disputar, inclusive, as representações sociais que

cubram a originalidade e a identidade da cidade e da sociedade.

Retoma-se o papel da comunicação quando sujeito, subjetividade, individualidade criam significados no interior do processo de criação coletiva da unidade na diversidade. Assim, a liberdade e a autonomia se fortificam através de meios, de ferramentas e de conhecimento, com sistemas radiofônicos, audiovisuais, imprensa escrita, eletrônica, etc, com tendências cada vez mais nítidas de assumir a sua vocação de redes, cujo processo devolve cada vez mais o desenvolvimento, o conhecimento, o crescimento ao conjunto da população, que no jogo das competições, do mercado e da administração pública, tem se constituído: ora em classe (a partir do processo social de produção), ora em massa (processo de alienação), ou povo (interesse estado-nação) ou multidão (como expressão da potência e da resistência).

Há referências cada vez mais nítidas de organizações comunitárias que se universalizam, sobretudo a partir das grandes cidades como Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, etc, que interferem na representação social que se produz da cidade que disputa com a tendência majoritária da cultura brasileira que é especulativa, notadamente, a partir dos seus governantes, empresários e formadores de opinião que dificultam a percepção da diversidade, pluralidade e potencialidade do cotidiano que atravessa ruas e praças, becos, ruelas, biroscas, teatros sofisticados, universidades, ONGs, partidos e instituições em geral.

É o desafio do encontro cultural da identidade, do direito, da política e da diferença com a pessoa e com seu destino, individual e coletivo, enquanto utopia que se realiza a cada passo da vida.

Notas:

¹ Grupo Cultural Multimídia criado na metade dos anos 80, no morro do Vidigal, sob a coordenação do ator Guti Fraga. O trabalho do grupo tem sido reconhecido tanto nas suas produções comunitárias como nos veículos que atingem o grande público com tv e cinema. Vem de lá a maior parte dos atores de "Cidade de Deus", que deu origem ao "Nós do cinema", e também atores de novela de horário nobre assim como o seriado "Cidade dos Homens". Este trabalho tem possibilitado também a troca de saberes de atores profissionais de diferentes áreas da cidade e da produção de saberes.

² Centro de Atividades Solidárias da Maré, também um espaço multimídia, criado a partir de experiências de base de Associações de moradores da favela e de demandas culturais e políticas, sobretudo no seu aspecto educacional. Reúne centenas de adolescentes e jovens com centros de pesquisa (Censo da Maré), Pré-Vestibulares Comunitários, contando com universitários em todo o espectro de universidades, sendo um dos promotores da RUEP. Na produção mais específica da cultura, em parceria com a Petrobrás, são conhecidas as Folias Guanabaras e a "Dança das Marés". Coroa suas iniciativas a criação do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

³ Grupo Comunitário autônomo criado no morro Santa Marta ao longo das últimas três décadas, expressando a ressonância multifacetada dos moradores da comunidade. Seu ECO primeiro é a criação do jornal que articula e sistematiza os primeiros passos que se desenvolvem inicialmente na associação dos moradores de fatos comunitários através de suas primeiras experiências da escolinha de informática em favelas, inspira a criação do CDI (Centro de Democratização da Informática) hoje popularizada sob a coordenação de Rodrigo Baggio. A colônia de férias constituiu-se na tradição reconhecida pela Comunidade, assim como a sua experiência com teatro, sob a coordenação do ator Eduardo Tornaghi. Também a experiência audiovisual já vai criando tradição entre membros do ECO, a Comunidade e parte da cidade. Outra experiência que merece uma reflexão à parte é a da Folia de Reis que fica aqui apenas citada.

⁴ "Boca de Filme", destas experiências tão criadoras como sugere o próprio nome. Nasce na Cidade de Deus, por iniciativa de várias jovens intrigados pelas questões suscitadas pelo filme Cidade Deus. O cinema e a busca da sua própria representação os reuniu e com parcerias com o Comunicar (Núcleo de Comunicação Comunitária) da Puc e outras entidades já produzem seus primeiros curtas e um documentário. Destaque-se o evento de apresentação das citadas experiências num dos auditórios da Puc, quando a mesa era composta pelos seus componentes. Do lado platéia, estudantes e professores da universidade, de diversas áreas. É a prática da troca dos saberes.

⁵ "O Jongo da Serrinha" que na esteira do mestre Darcy, de histórica memória, torna-se uma ONG que agiliza tanto o resgate da tradição africana, cujos sujeitos resistentes, mesmo sob a imposição escrava, mantiveram vivos a música e a dança do Jongo. As parcerias se ampliam e têm sido vitais para os encontros estaduais que têm conseguido reunir outros pólos, Valença, Pinheiral, Angra, Vassouras e também os vizinhos paulistas. A última grande atividade foi a apresentação representação da Serrinha no teatro Carlos Gomes com temporada cheia e prorrogada. Seu atual empenho está, junto ao Ministério da cultura, pelo tombamento do Jongo como patrimônio Imaterial.

⁶ Como o Olodum na Bahia, o grupo musical e de dança de Vigário Geral já conquista autonomia e sucesso no Brasil e no mundo. Além da referência alternativa para os jovens na comunidade e com os compromissos e parcerias conquistados, mostra a potência da favela, quando tem que nascer espremido pela lógica perversa da criminalidade, ritualizada na chacina do início da década de 90.

⁷ A central única de favelas nasce desafiando a ampliação pelo campo da cultura e mais especificamente para a sistematização da cultura negra, especialmente na sua expressão hip hop. Desafia também nas parcerias quando chama o Estado nas suas discussões de governo federal, estadual e municipal, além de empresas, notadamente as de comunicação e de produção de cultura para realizar e expor suas potencialidades, como ocorre já com a 3 edição do prêmio Hutus, na sua dimensão multimídia.

A Cufa procura criar cursos na área audiovisual, teatral e musical com perspectiva empreendedora.

⁸ Sustentado por experiências já consolidadas, como o caso da Escola de Samba da Mangueira, este grupo de dança tem rompido literalmente fronteiras ao descobrir também no ritmo clássico o potencial de crianças e adolescentes da favela que já troca com Cuba, Alemanha e outros países no desenvolvimento dos seus projetos. Também o espaço público vem sendo usado e conquistado pelo grupo.

⁹ Inúmeras outras experiências podem ser citadas a exemplo das trinta e duas associações, ONGS e espaços governamentais e empresariais que se espalham e dão vida à Rocinha, como a Casa da Cultura, recém-inaugurada, ao Balcão da Sebrae, Rocinha 21, etc, com Jornal, programas de Tv a cabo e tantas outras iniciativas. Há, com certeza, inúmeras atividades em torno das Rádios Comunitárias, dos jornais eletrônicos (e-Comunidade, por ex.) e impressos. A mais recente iniciativa, em plena Zona Sul, da "Visão Cruzada" que em breve dará notícias.

¹⁰ Educafro é o desdobramento do movimento desafiador da educação e da política que nasce com o nome de Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), que com uma década de existência, tem interferido de forma direta na política universitária e na educação pública, com dimensões de políticas públicas, como é o caso das políticas compensatórias, reparatórias ou de inclusão-ação afirmativa, como a política de cotas. A parceria que merece estudo e destaque especial certamente é aquela estabelecida com a PUC-RJ, há cerca de dez anos e que assume hoje cerca de seiscentas bolsas sociais, espalhados por todos os cursos da universidade e entrando através do vestibular em igualdade de condições, com os demais estudantes. Soma-se esta experiência a outras de universidades públicas e também privadas.

Resumo Bibliográfico:

- BARCELOS, Caco. *Abusado - "O dono do Dona Marta"* Ed. Record, SP, 2003
- BOBBIO, Norberto - *Direita e Esquerda* Ed Unesp, SP, 1994.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. Reedição Cia das Letras, SP, 2002.
- DE CARVALHO, Cynthia Paes (org) e outros. *Favelas e Organizações Comunitárias*. CDDH Bento Rubião, Vozes, RJ, 1994.
- ROCHA, Adair. *Cidade Cerzida. A Costura da Cidadania no morro Santa Marta*, Relume Dumará, RJ, 2000.
- SOARES, L. Eduardo, *Meu Casaco de General*, Ed. Cia das Letras, 2001
- SOUZA, Jailson Silva de. "Por que Uns e não Outros?", Caminhada de jovens pobres para a universidade, Ed. Sete Letras, RJ. 2003.
- VALADARES, Lícia do Prado e Medeiros, Lída (orgs). *Pensando as favelas do Rio de Janeiro de 1906 a 2000*, Urbandata, Relume Dumará. RJ 2003.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*, cia das letras, RJ. 1994.
- NEGRI, Antonio e Hardt, Michel. *IMPÉRIO*. 2º Ed; Ed Record. RJ-SP, 2001
- SÉRIE MÍDIA e Mobilização Social, *Que país é este?*, Pobreza, desigualdade e desenvolvimento humano e social, no foco da imprensa brasileira, vol 4, Editora Cortez.

Abstract:

The production of the local identity, which is seen and concrete, depends on the representations of the city, its conflicts as concret that manifest on the cuts of the daily living. The dispute to control those representations is initially given in the search of reducing the concepts of culture as well as communication. It necessarily interfer on the approach of community.

Incorporating and comprehending the concepts of "favela" and "asfalto" on a same urban context is the main goal of this text. The purpose is to develop a social representation which connects resistance and potency of the production of the "favela", something usually forgotten behind the vision of cruelty, related to a low number of its inhabitants.

Key Words: Community-Culture-Communication-Net-Representation-"Favela"-Potency-Resistance-Violence.